

Nota do organizador: A crise provocada pelo golpe militar de 31 de março de 1964 agudizou a crise do MEB dentro da Igreja. Este documento traduz a posição dos leigos que trabalhavam no Movimento, frente à reestruturação que estava sendo imposta pela hierarquia.

MEB - MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE:
SUA ORIGEM, SUA AÇÃO E SEU CONTEÚDO.

O MEB se constitui em um dos movimentos vivos da Igreja, em uma experiência comunitária nova, em uma eficácia testemunhada na formação de líderes, em uma tentativa de educação integral, que parte da vida e está imersa na realidade.

Depois de quase quatro anos de experiências na ação educativa, depois de vários encontros de seu Conselho Diretor Nacional e de seus Coordenadores, o MEB pode se propor uma definição que, embora não exaustiva, nem definitiva, propicie uma compreensão de sua razão de ser.

1. MEB E IGREJA

A Igreja se coloca, universalmente, como povo de Deus, escolhido para que, através d'êle, se revele a Palavra do próprio Deus. Antes da Revelação e da Encarnação do Filho, o povo de Israel foi escolhido para dar testemunho da existência e da proteção do Pai; após a Redenção, a Igreja se constituiu no Povo escolhido, dentre toda a humanidade, para testemunhar que tudo o que foi criado e todos os homens têm a proteção do Pai e a filiação comunicada pelo Pai, na Encarnação e Redenção do Filho, consumados no Amor do Espírito Santo.

Assim como a História do Povo de Israel se constituiu em História Sagrada, a História da Igreja, nos tempos modernos, se constitui em história de um Amor que se comunica indefinidamente, revelando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, congregando universalmente todos os povos. A Igreja se afirma na comunidade de todos os que participam e crêem no Senhor Deus, inserindo-se, concretamente, no mundo, para comunicar a todos o mistério da palavra revelada: Deus é Amor. A isso é que chamamos evangelizar e, para tanto, nos tornamos, todos, apóstolos.

A Tradição, a Escritura e as próprias exigências sociais e racionais nos levam, como Povo de Deus, a compreender a necessidade, já formulada pela Igreja no Direito Canônico, de vivermos numa estrutura onde se definam responsabilidades que, hierarquicamente, cabem a cada membro da Igreja. Todavia, torna-se cada vez mais claro que os modos de agir e de ser do Povo de Deus são passíveis de uma evolução, que se faz na História do Homem. Dessa forma, o Povo de Deus — compreendendo o Papado, o Episcopado, o Clero e o Laicato — mantém sempre seu trabalho Pastoral, ao mesmo tempo que mantém viva a idéia de que êste trabalho evolui na História. E, guardando-se de frustrar a pregação da Palavra, cresce no espaço e no tempo, num evoluir que só admitirá um t'ermo: a Parusia. Por isto, a Pastoral comporta projetos e fases que se diversificam na medida das necessidades dos homens a que se dirige. Comporta, igualmente, uma formulação jurídica, que lhe propicia eficácia e segurança. Há, portanto, projetos pastorais e fases de crescimento e evolução d'esses projetos, onde a Igreja se realiza e cumpre sua finalidade. Eles existem em função do Homem e se transformam à medida que a criação se prolonga através d'êle.

Embora a Pastoral seja missão de direta responsabilidade da Hierarquia, tanto a elaboração de seus projetos, como sua realização são responsabilidade de todo o Povo de Deus — da Igreja. Nêles, o Papado, o Episcopado, o Clero e o Laicato têm suas tarefas específicas, que se devem realizar concretamente no mundo do Homem. A missão de revelar a realidade da graça implica em necessidade de assumir integralmente a realidade do mundo, assim como o Verbo de Deus assumiu, integralmente, a carne do Homem, num testemunho único que realiza a Salvação.

Normalmente, a plenitude da vida da graça supõe o homem plenamente realizado. Por isto, a necessidade da pregação impõe à Pastoral a tarefa de promover o Homem, sobretudo, em determinadas circunstâncias, para que nêle possa penetrar melhor a luz da fé.

O MEB é uma instituição criada pela Igreja no Brasil. É um Movimento educativo que o Episcopado brasileiro fez surgir, em determinado momento de nossa história, porque encontrou o povo não só desprovido de meios necessários à sua Salvação na vida da graça, mas até mesmo daqueles meios que lhe servem para sua integração na vida social e, conseqüentemente, para sua realização humana. Salvar homens, no Brasil, implica em que se lhes dêem condições de serem Homens.

A inspiração do MEB é inegavelmente cristã e, numa atitude cristã, pretende que os homens cheguem a uma fé adulta, assumida livre e conscientemente. Mas a ação educativa do MEB é distinta de uma missão evangelizadora, embora ligada a ela. Evangelização é todo trabalho que, ao mesmo tempo, procura promover o Homem e revelar-lhe o Cristo. Desta forma, nosso trabalho educativo se distingue, mas não se separa do que compreendemos por evangelização; separa-se, na verdade, de uma missão que fôsse puramente catequética. Por outro lado, a evangelização não se constitui nunca em fator de inibição para o trabalho do MEB, embora não seja seu motivo próximo imediato.

O próprio fim sobrenatural e último do homem exige o respeito às finalidades imediatas e intermediárias das atividades temporais, obedecendo às leis iminentes a essas atividades e segundo os métodos correspondentes à sua natureza (P.T. 150). Lembramos, ainda, as palavras de Paulo VI em sua Mensagem de Belém:

"Se o mundo se sente estranho ao Cristianismo, o Cristianismo não se sente, de modo algum, estranho ao mundo, qualquer que seja o aspecto sob o qual êste último se apresente e qualquer que seja a atitude que êle adote em relação ao Cristianismo. A Igreja não faz outra coisa senão servir de intermediária para o Amor imenso e maravilhoso de Deus para com os Homens".

Nosso trabalho educacional, porque se dirige a uma população que, na sua maioria, é católica, mas não o é na sua totalidade, nem o é em toda a sua autenticidade, tem que ser colocado nessa linha de respeito profundo aos passos intermediários que, necessariamente, levam ao fim último: o reconhecimento de Deus e da Igreja.

Respeitar, portanto, os passos intermediários supõe a aceitação do diálogo implícito em nossa ação educativa. As indicações de Paulo VI, na Encíclica "Ecclesiam Suam", são, para nós, o guia de uma ação que empreendemos face um povo que necessita promover-se :

"O diálogo da salvação conheceu ordinariamente graus, progressos sucessivos, humildes princípios, antes do resultado pleno. Também o nosso atenderá às lentidões da maturação psicológica e histórica e

esperará a hora da eficácia que lhe vem de Deus. Mas, nem por isso, o nosso diálogo deixará para amanhã o que pode conseguir hoje; deve ter a preocupação da hora oportuna e o sentido do valor de tempo. Deve reconeçar cada dia; e reconeçar do nosso lado, não do outro a que se dirige" (Ecclesiam Suam).

Enquanto tal, o MEB é um trabalho que o Episcopado promove junto com o Laicato, face a um mundo com tódas as possibilidades de participar da Igreja, diríamos mesmo, inclinado a participar dela. Esse mundo comporta elementos distantes da Igreja e poder-se-á distanciar ainda mais dela, assim como elementos cuja participação é externa e formalista, correndo o risco de esvaziamento total.

Dai a necessidade de nos colocarmos numa atitude adequada àquela em que a Igreja, pelo presente Concílio, se coloca em face do mundo: de reconhecimento de seus valôres, abertura total para integrá-lo na Mensagem de Amor do Evangelho (Projeto do Esquema Conciliar sôbre "A Igreja e o Mundo Moderno").

"Não é de fora que salvamos o Mundo; assim como o Verbo de Deus se fez homem, assim é necessário que nós nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo; é preciso tornarmos sem distância de privilégios ou diafragmas de linguagem incompreensível, os hábitos comuns, contanto que êstes sejam humanos e honestos, sobretudo, os hábitos dos mais pequenos, se quisermos ser ouvidos e compreendidos" (Ecclesiam Suam)

Agindo desta forma, quem trabalha no MEB, não pretende senão seguir as palavras de João XXIII:

"A cultura atual salienta-se, sobretudo, por sua índole científica e técnica. Assim, ninguém pode penetrar em suas instituições se não fôr cientificamente competente, tènicamente capaz, profissionalmente perito" (P.T., 148).

O trabalho do MEB é vivido conscientemente, face a um povo que se encontra diante de várias opções. Não nos cabe impor nenhuma delas, como não nos cabe forçar o povo à fé cristã vinculada à Igreja Católica, embora devamos proporcionar-lhe oportunidades de conhecimento da Fé.

2. MEB, MOVIMENTO EDUCATIVO

Educação, em um sentido lato, é um processo, uma ação que visa à formação do Homem. A ação humana, na medida em que atesta sua dimensão racional, de ser consciente e transcendente, surge como uma iniciativa original face ao mundo.

Tanto pela ação transformadora da realidade, quanto pela apreensão de um objeto, o homem cria um mundo cultural e elege valôres. Certos valôres são escolhidos como os mais adequados para suas exi-

gências de personalização. Pela comunicação dos valores surge a possibilidade de uma opção. O trabalho do MEB segue exatamente esse processo: forma a pessoa para que ela opte pela conservação ou modificação dos valores de uma realidade cultural. Procura formar a pessoa dentro de seu mundo próprio, da cultura por ela criada, dos valores dessa cultura, mostrando-lhe a possibilidade de escolha dos princípios mais adequados à sua realização.

Dizemos que a educação é histórica, porque a História é o campo real das ações humanas. Isto, entretanto, não significa que os princípios da educação sejam relativos às etapas de cada cultura. A iniciativa humana, que transforma o mundo natural em um mundo humanizado, é uma ação criadora na História. Na medida em que o Homem é criador dessa ação cultural, é ele quem faz sua História. Do mesmo modo, à medida em que o Homem é filho de Deus, faz-se da história humana uma história sagrada, encarnando o Verbo que a graça nos transmite, santificando o mundo.

Com isto, podemos afirmar que:

- O campo real da ação humana é a História. Na medida em que toda a iniciativa temporal da pessoa é histórica, a educação também surge como um processo histórico; coopera na formação do homem concretamente situado.
- A experiência nos tem mostrado que o conteúdo do processo educativo pode variar, na proporção direta das exigências do Homem em diferentes épocas. Entretanto, essas exigências atestam sua vocação transcendente: pela mediação da História, o Homem procura sua realização total, na visão de Deus.

Partindo das colocações feitas, dizemos que há prioridade do Homem sobre a educação e sobre sua situação cultural, exatamente por que a educação surge no espaço da vida humana, tendo como fim o próprio Homem. Sendo assim, quando educamos, procuramos formar o Homem e não apenas transmitir-lhe a cultura já elaborada. Esse é o trabalho educativo do MEB.

Comumente, se entende por educação de base aquela que proporciona os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana. Apesar de correta, esta definição não nos basta, porque não explicita o que ela possui de mais radical. Básica é a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa, decorrendo daí, como condição primeira, o direito de viver humanamente. Tomamos o termo básico no sentido do que está colocado em primeiro lugar, do que é fundamental, enfim, do que atinge o homem pela raiz. Se a educação de base pretende dar os instrumentos mínimos para se viver humanamente, ela não se afirma somente como uma educação inicial, mas parte do que é fundamental. Assim, seu primeiro princípio é a exigência de humanização da pessoa.

A educação de base sintetiza dois aspectos:

- um engajamento real, uma resposta às necessidades concretas de humanização, aqui e agora;
- a universalidade de seus fundamentos, para que, enquanto se personaliza na História, o homem possa sempre afirmar seu sentido transcendente.

O MEB entende que somente é possível efetivar sua ação educativa através da conscientização. Conscientizar é oferecer a alguém elementos para que tome consciência do que é (consciência de si), do que os outros são (comunicação das pessoas como sujeitos) e do mundo.

Portanto, se, em nossa ação educativa, levarmos o homem a ter consciência de que é imagem e semelhança de Deus, fazemo-lo também engajar-se em seu mundo próprio - em sua cultura, em sua situação histórica - e ser, dentro dela, um agente criador. A partir desta situação, cada pessoa poderá afirmar sua dignidade. Para educar, o MEB deve conscientizar. Para conscientizar, não pode abstrair-se da situação histórica e cultural em que se encontram os homens das regiões em que atua.

A não submissão do homem a um progressivo processo de desumanização, o modo como as populações rurais assumem a liderança de sua própria promoção na sociedade brasileira e a atitude de recusa a uma situação de injustiça social são provas da validade desse trabalho.

3. MEB E POVO

O MEB tem uma perspectiva realista da situação social do povo e do seu papel decisivo na criação da cultura.

A linha de trabalho que assumimos está dentro de uma preocupação com um Cristianismo seriamente vivido e que exige um trabalho não de pura alfabetização, mas um planejamento mais complexo, que possibilite a conversão dos homens ao Homem, de massa humana em povo consciente, única maneira de fazê-lo chegar a ser um povo de Deus.

Por isso, procuramos não nos prender aos esquemas convencionais de uma sociedade estratificada, mas ensinar o homem a colocar-se dentro dela, como elemento único capaz de transformá-la, coerente com uma concepção cristã, assumida consciente e pessoalmente.

A experiência do MEB tem mostrado que o povo é capaz de responder seriamente ao problema de sua promoção, desde que encontre os meios adequados para agir conscientemente.

A luta entre classes existe no Brasil, como existe em toda a sociedade onde os desequilíbrios sociais causam conflitos entre os

interesses dos diversos grupos. Se não é uma luta declarada, é certamente uma tensão, que degenerará em ódio aberto, na medida em que crescer a desesperança. Se temos obrigação de superá-la e não de admiti-la como norma de evolução, segundo a Doutrina Social da Igreja, temos, também, que aceitar a realidade dos fatos, sem fugir à objetividade.

Nosso trabalho é feito numa faixa de ação onde há concorrência ideológica das mais diversas correntes. Seria incoerente tentar evitar ou anular esse aspecto do trabalho. Os grupos que participam das decisões numa estrutura como a do Brasil, usam de associações, grupos de pressão, política eleitoral e outros meios para se manter. As grandes parcelas da população, sem domínio sobre as decisões econômicas e políticas, permanecem passíveis de serem exploradas, se não forem educadas para atuar, efetivamente, na sociedade (ver H.H.64).

Entretanto, as populações que atingimos evoluem para melhor compreensão do processo social e nos obrigam a considerar o seguinte:

- O interesse despertado, nacional e internacionalmente, é traduzido em planos de trabalho de organismos federais, que, se levados adiante, provocarão, nessas zonas subdesenvolvidas, o fenômeno da urbanização. As populações rurais adotarão uma conduta diferente em tôdas as suas reações culturais e entrarão muito mais rapidamente numa esfera de influência onde a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão operarão transformações de mentalidades, orientando as populações rurais para uma vivência que já é comum nos centros urbanos.

Junto a esse povo, o MEB terá que testemunhar a honestidade de seu trabalho e a coerência dos compromissos que assume, desde que pretende identificar-se com ele, num trabalho de autêntica educação para o desenvolvimento.

Preocupa-se o MEB com uma população predominantemente rural, que deve tomar parte ativa nos seus trabalhos. O MEB não se identifica com qualquer instituição paternalista, onde os planos e os objetivos venham apenas de uma parte.

- " Para atuar cristãmente, no campo econômico e social, a educação dificilmente mostrar-se-á eficaz se os que a recebem não tomam nela parte ativa e se não fôr dada também através da ação" (H.H.).

O MEB existe em função de uma realidade nacional que necessita de transformações urgentes porque, subjugando o homem, priva-o de sua atividade criadora e o coloca à margem do processo histórico. Consciente de que a promoção dêse homem só tem sentido se ele mesmo a assumir, o MEB, engajado com o povo nesse trabalho de mudança social, estabelece seu compromisso com êsse mesmo povo. Nunca com qualquer tipo de estrutura social ou qualquer instituição que se pretenda substituir ao povo.

Para que isso se torne efetivo, é necessário que a própria estrutura do MEB seja permeável à presença dos educandos nas várias fases de seu trabalho. O MEB deve propiciar, em seu funcionamento normal, os recursos necessários para a presença constante das comunidades num sistema eficiente de comunicação de problemas e de encaminhamento nas soluções. Isso se traduz em seu programa e em seu método de ensino.

Precisamos levar em conta êstes aspectos para não incidir num erro de paternalismo, onde o povo seja entendido como alguém a quem se tem que dar alguma coisa, para que não se transforme em fator de conflitos. O povo é causa, sujeito e motivo do MEB. Causa, enquanto o MEB fôr fruto de uma preocupação com um povo que necessita dêse tipo de trabalho. Sujeito, enquanto sua participação no trabalho se constituir em fator primordial do Movimento. Motivo, enquanto ao povo se dirigir nosso trabalho.

Somos obrigados a considerar que a maioria do povo, nas suas condições de vida, de cultura, de espiritualidade, sofre e vive tôdas as transformações que as condições da sociedade brasileira lhe impõem e, percebendo essas diferenças, luta para elevar seus padrões de vida.

Por outro lado, há classes sociais que não entendem essas transformações e até mesmo a elas se opõem. Por isso, é inevitável que um trabalho, como o do MEB, encontre dificuldades.

A totalidade de um povo engloba as diversas classes sociais e em nosso trabalho não podemos ignorar essa totalidade. O MEB, porém, foi criado para atender a uma parcela da população - a mais desfavorecida. E, enquanto não houver na sociedade, condições para o exercício da justiça, os conflitos sociais não serão superados.

Dentro dessa perspectiva, é urgente que outros organismos promovam, nas outras parcelas da população, as condições de maior abertura

para os problemas sociais. Um Movimento, como o MEB, tem o dever de evitar atitudes de agressão desnecessárias. Contudo, na medida em que não contarmos com a colaboração de outros organismos que se dediquem às outras faixas da população, não poderemos esperar que a atuação do MEB, que não pode ser inócua, deixe de despertar ressentimentos por parte dos que ainda não o compreendem. Não é o MEB que causa conflitos, mas é a própria estrutura social brasileira que é injusta. Não podemos, ao educar, esconder uma verdade.

É de se notar que os ressentimentos sempre partem das classes latifundiárias, da burguesia industrial e das classes médias. Uma boa parte delas está pouco preparada para uma atitude de coerência com os princípios de justiça. Os "valores" que lhes dá a sociedade capitalista, profundamente marcada de materialismo, parecem ameaçados quando são denunciados como insuficientes para uma coerência cristã na vida social. São fenômenos sociologicamente explicáveis.

Se ao MEB não cabe acentuar divergências, cabe-lhe, contudo, promover as condições para que haja um diálogo entre as classes sociais, reservando-se à defesa dos direitos das classes menos favorecidas.

O MEB visa a conscientizar para uma participação social real, como exigência de realização humana. Não desejamos que as populações que atendemos julguem ilusória a possibilidade de sua promoção humana. Cabe-nos ajudar essas populações a concretizar essa possibilidade, através do que Pio XII chamou a "luta leal pela defesa de seus direitos".

Como vimos anteriormente, não nos cabe impor ao povo nenhuma opção, inclusive por uma determinada forma de estrutura social, o que não nos impede de propor elementos e princípios para que ele se conduza nessa opção.

4. MEB, MOVIMENTO NACIONAL

A vastidão e a complexidade que o Brasil apresenta não nos deve enganar, fazendo-nos crer em regiões problemáticas e encaminhamento de soluções estanques. As tentativas de ação local, que não levam em conta as necessidades de uma integração nacional, ou que ignorem as diferenças nas esferas cultural, social, política e econômica, reduzindo-se a uma soma de trabalhos pequenos e isolados nos Estados ou cidades, não poderão atender a uma finalidade global. Soluções estanques nada resolveriam. Assim, como a maioria de nossos problemas urbanos tem sua origem na estrutura econômica social do campo, seria inútil tentar solucionar o problema de abastecimento dos centros urbanos, por exemplo, sem tocar na estrutura do crédito agrícola ou sem aperfeiçoar a técnica de produção. Por outro lado, há zonas diferenciadas entre si, que se situam geograficamente próximas, como há regiões com problemas semelhantes, mas geograficamen

te distantes. Os problemas resultantes das migrações são também, em parte, causas de variantes, dentro de uma mesma área, como também de aproximações entre áreas distantes.

Portanto, uma ação educativa, para ser eficaz, tem que levar em conta o estudo e a interpretação da realidade brasileira global, bem como a escolha adequada dos instrumentos pedagógicos a serem utilizados nessa ação, devendo preocupar-se com os problemas econômicos, políticos e sociais em escala nacional. Por isso, o MEB não será eficaz se não conservar sua unidade nacional.

A própria realidade que faz apêlo à existência do MEB, exige uma unidade de ação. Essa unidade, no entanto, refere-se ao que o Movimento tem de essencial, mas requer a heterogeneidade de suas partes. O MEB é um movimento nacional, que procura colaborar na solução de um problema que se coloca em termos nacionais: a promoção do homem brasileiro que vive nas áreas subdesenvolvidas.

A unidade de fins e objetivos, de métodos, de estrutura e de administração é estabelecida realisticamente, levando em conta o indispensável respeito às variações regionais e locais. Assim, os diversos sistemas locais pautam-se por planos elaborados de comum acordo com as equipes estaduais e são supervisionados por estas. As equipes estaduais, por sua vez, colaboram na elaboração do plano Nacional - levadas em conta as necessidades locais - e o trabalho estadual é supervisionado pela equipe nacional. Dessa forma, sem que haja uniformidade de procedimentos, há unidade em todos os níveis do Movimento, mantendo-o basicamente o mesmo, apesar das adaptações necessárias.

Dentre as vantagens dessa unidade, podemos destacar:

- Solução comum para problemas estruturais. A centralização dos estudos de problemas que exigem enfoque nacional, se feita levando em conta as realidades locais e na medida em que se recorre, como fazemos comumente, às equipes para conclusão desses estudos e apresentação de respectivos projetos e planos, permite economia de tempo e de pessoal capacitado.
- Intercâmbio de experiências entre zonas caracteristicamente semelhantes, apesar de, muitas vezes, geograficamente distantes. Uma estruturação nacional facilita o estudo comparativo das diferentes áreas, permitindo a avaliação da eficácia dos métodos e técnicas utilizadas em cada ambiente e levando a conclusões sobre a conveniência ou não de sua generalização.

Economia em organização. Desde que se evite uma centralização demasiada, muitos serviços devem ser organizados em âmbito estadual e mesmo nacional, permitindo a elaboração de critérios gerais, tais como seleção, treinamento e remuneração de pessoal etc.

Constatamos, no Brasil, um desnível cultural acentuado, que aparece desde os modos de satisfazer as carências sensíveis até a maneira de proceder nas relações de produção industrial e agrícola. Esse desnível se torna mais patente se considerarmos o modo como as expressões da cultura científica e filosófica convivem com explicações superticiosas dos fatos naturais e com a total ignorância da significação do próprio destino. A universalização da cultura - objetivo do MEB - visa exatamente a extinguir ôsses desníveis, o que não significa, no entanto, fazer desaparecer as diferenças culturais, já que a cultura, além de ser um fato social, é, principalmente, um fenômeno pessoal.

Para que a universalização da cultura seja atingida, a experiência nos tem mostrado ser indispensável que a interpretação da realidade e a escolha de caminhos para uma ação sôbre essa realidade se baseiem em um conjunto de valores, os quais, integrados e orientados para o homem, garantem ao Movimento a unidade de objetivos e de orientação, bem como a unidade na escolha e utilização dos métodos.

Por outro lado, para nós, a ação educativa não se define somente a partir de uma concepção absoluta; ela é, também, função das condições reais das comunidades que pretendemos atingir. Por isso, nosso trabalho leva em conta, além das condições naturais de cultura e recursos, o nível de conscientização dessas comunidades e o nível de radicalização do conflito social.

O conflito social, no Brasil, alcança níveis de radicalização diversos e é impossível ignorar o grau em que ôle se encontra numa área em que vamos empreender uma ação educativa. Este fato tem que ser considerado na fixação dos objetivos específicos e imediatos dos programas do MEB. A superação dos conflitos sociais só será alcançada na medida em que os grupos se assimilarem e as causas de oposição deixarem de existir. Devemos reconhecer que, cada vez mais, os homens estão sendo levados a compreender que, somente através de soluções comuns, chegarão a ser resolvidos os problemas de cada homem.

A unidade nacional do MEB é um dos esforços que retrata o desejo de solução comum para os problemas de diversas regiões do Brasil.

CONCLUSÃO

As considerações anteriores são fruto de uma vivência do Movimento que, por se difundir em quase todo o país, deve definir-se claramente, face à realidade brasileira.

Somos um Movimento Educativo que deve sua iniciativa à Igreja; inserimo-nos em uma estrutura de que o Governo da República participa; vivemos os problemas de uma nação em estado de mudança social; comprometemo-nos a colaborar na promoção do homem brasileiro.

março de 1965